

arte e religião**max stirner***

Hegel trata da arte antes da religião. É esse o lugar que lhe cabe, e aliás lhe pertence mesmo de um ponto de vista histórico. Desde o momento em que o homem pressente que possui um além, que não tem a sua completude no estado animal e natural, mas que deverá tornar-se outro — e para o homem atual, o outro que ele deverá tornar-se é seguramente um ser futuro cuja expectativa só se realizará, para além da sua situação presente, num além; de fato, tal como a adolescência é o futuro e o além do rapaz que nela deverá realizar-se, o homem moral é o futuro da criança que apenas possui a sua inocência —; desde o momento em que o homem desperta para esse pressentimento que o leva a dividir-se, a partilhar-se entre aquilo que é e o outro em que deverá tornar-se, ele imediatamente aspira com todos os seus desejos por esse segundo ser, esse Outro, não descansando enquanto não vê a estatura do seu além

*Século XIX, autor de um único livro e alguns escritos esparsos anarquizantes. *Textos dispersos*. Lisboa, Via Editora, 1979. Publicado originalmente em 1844, na *Gazeta Mensal de Berlim*, de Ludwig Buhl. Tradução para o português de J. Bragança de Miranda.

configurada diante de si. Durante muito tempo permanece prisioneiro da hesitação, tendo somente o sentimento de uma forma luminosa que quer elevar-se das trevas do seu interior, embora ainda falha de forma firme e de contornos bem definidos. Juntamente com o povo que tateia na incerta obscuridade, também o gênio hesita durante algum tempo em busca da forma que configurará o seu pressentimento; mas onde ninguém obteve êxito, ele o consegue — ele dá forma ao seu pressentimento, consegue configurá-lo, cria o ideal. Pois o que é o homem realizado, o destino mais autêntico do homem, cuja visão cada um tende a oferecer a si próprio, senão o homem ideal, o Ideal do homem? Finalmente o artista descobriu a verdadeira palavra, a verdadeira configuração, a visão verdadeira que melhor convém às aspirações de cada um, e ao propô-las criou o Ideal.

“Sim, é precisamente isso, essa é a figura da perfeição, a expressão da nossa aspiração, a boa nova (Evangelho) trazida pelos nossos batedores há muito enviados em missão sobre as questões do nosso espírito sedento de apaziguamento”, exclama o povo perante a criação do gênio, caindo em adoração!

Sim, em adoração! A necessidade ardente que o homem tem de não ficar só, desdobrando-se, de não estar satisfeito consigo, homem natural, procurando antes o segundo homem, espiritual, é apaziguada pelo homem de gênio que leva a divisão ao seu acabamento. Então, e só então, aliviado, o homem respira fundo, pois finalmente foi resolvida a sua confusão interior, voltada para o exterior. Pela configuração do pressentimento que o atormentava. O homem enfrenta-se consigo mesmo. Esse enfrentamento é ele e não é ele: é o além para onde todos os seus pensamentos e todos os seus sentimentos se escoam sem nunca o alcançarem e é o seu além en-

volvido no aquém do seu presente e neste inseparavelmente entrelaçado. É o deus do seu interior, mas que se mantém na exterioridade, não podendo nunca apreendê-lo ou compreendê-lo. Cheio de desejos, estende os braços, mas o enfrentamento é inacessível; pois se fosse acessível, como permaneceria então o que se “enfrenta”? Como se conservaria a divisão, com todas as suas dores e delícias? Expressando essa divisão pelo termo que a designa, como se manteria a religião?

A arte cria a divisão opondo o homem ao seu ideal, mas a visão do ideal que perdura até ser reabsorvido e reassimilado pelo olhar que mantém firmemente o seu desejo, chama-se religião. Como esta é contemplação, precisa portanto de uma forma ou de um objeto para se opor, e o homem como ser religioso vai relacionar-se com o ideal manifestado pela criação artística; ele considera como um objeto o seu segundo eu exteriorizado. Esta é a fonte milenar de todas as torturas, de todas as lutas, porque é medonho estar fora de si mesmo, e cada um o está quando é para si mesmo o seu próprio objeto e é impotente para uni-lo inteiramente em si, aniquilando-o enquanto objeto, enquanto enfrentamento que resiste. O mundo religioso vive no sofrimento e na alegria que lhe vem desse objeto, vive na separação do homem relativa a si mesmo e a sua existência espiritual não está submetida à razão mas ao entendimento. A religião é uma questão de entendimento. Tal como o espírito do crente é rígido, em consonância com o objeto que ninguém consegue fazer seu e a que é preciso mesmo submeter-se, também a sua rigidez é friável face a esse objeto: ele é entendimento. “Entendimento frio”? Será que só conheceis esse frio entendimento? Não sabeis que nada é mais ardente, mais heróico que ele? “Censeo Carthaginem esse delendam”, dizia o entendimento de Catão, e a ele se atinha inabalavelmente; “a terra gira

em volta do sol, enunciava o entendimento de Galileu, mesmo quando o débil velhote, de joelhos, abjurava a verdade, e ao levantar-se repetia “e contudo ela gira em volta do Sol”. Nenhuma força é suficientemente grande para nos desviar do pensamento que dois e dois são quatro, e a imutável palavra do entendimento continua a ser: “Esta é a minha posição, não me é possível alterá-la”. O assunto de um tal entendimento que só é inabalável porque o seu objeto ($2 \times 2 = 4$, etc....) não se deixa abalar, esse assunto deveria ser a religião? É esse precisamente o caso! A religião também tem o seu objeto inabalável sob cujo poder ela caiu e só o artista que o criou poderia retirar-lhe. É que em si mesma ela não tem gênio. Não existe nenhum gênio religioso e decerto ninguém pretenderá que em religião se deva distinguir entre gênios, homens de talento e pessoas sem talento. Nela todos têm as mesmas aptidões, que não diferem das necessárias para a compreensão do triângulo ou do princípio de Pitágoras. Para isso basta não confundir a religião com a teologia, pois relativamente à segunda nem todos têm as mesmas capacidades, como sucede com as matemáticas superiores e a astronomia que exigem um grau de penetração invulgar. Só o fundador de religião é genial, mas ele é também criador do ideal: esta criação impossibilita qualquer genialidade ulterior. Quando está ligado a um objeto, quando a sua liberdade de movimento é definida precisamente por esse objeto (porque o crente cessaria de sê-lo, se quisesse, devido a uma dúvida decisiva sobre a existência de Deus, ir além do seu objeto, que no fim das contas é insuperável, um pouco à maneira daquele que, acreditando em fantasmas, deixaria de fazê-lo se viesse a duvidar de forma decisiva da sua existência, objeto da sua crença. O crente só constrói “provas da existência de Deus” na medida em que, no interior desta se aloja uma possibilidade de movimento livre para o seu entendi-

mento e a sua perspicácia), quando, dizia eu, o espírito está dependente de um objeto que procura explicar, perscrutar, sentir, amar, etc..., então não é livre, nem genial, já que a liberdade é a condição da genialidade. Uma piedade genial é tão absurda como uma tecelagem genial. A religião permanece acessível mesmo aos espíritos mais insípidos e qualquer néscio desprovido de imaginação pode ter sempre e terá sempre religião: a sua falta de imaginação não o impedirá de viver dependente.

“Mas o amor não é a essência mais autêntica da religião? Não é uma questão de sentimento, em vez de entendimento?” Mesmo que fosse um assunto de coração, seria menos por isso uma questão de entendimento? É um assunto de coração logo que empenha totalmente o meu coração. Isso não exclui o empenho total do meu entendimento, sem que aliás lhe acarrete nada de particularmente bom: o ódio e o ciúme podem igualmente relegar do coração. Na realidade, o amor não é mais que uma questão de entendimento e isso em nada menospreza o seu título de assunto do coração. Mas um assunto da razão é que ele não é, pois no reino da razão há tanto amor como esponsais haverá no céu, segundo as palavras de Cristo. É verdade que se fala de amor irracional. Mas, ou ele é tão irracional que não tem qualquer valor e é portanto tudo menos amor como esses entusiasmos por belas caras a que freqüente e apressadamente se dá o nome de amor, ou então só temporariamente ele se manifesta privado de entendimento explícito, podendo contudo vir a ser uma expressão sua. É o que sucede com o amor da criança: ao princípio só é racional em si, sem discernimento consciente, mas não deixa por isso, desde logo, de ser uma questão de entendimento pois está em conformidade com o da criança, nascendo e crescendo com ela. Durante todo o tempo

em que a criança não manifesta nenhum traço de entendimento, não manifestará igualmente nenhum traço de amor, como qualquer um poderá ter-se apercebido, por experiência própria — ela comporta-se como um ser pura e simplesmente sensível e na realidade ainda nada experimenta acerca do amor. É só à medida que distingue os objetos — de que os homens fazem parte — que ela transfere a sua afeição para uma pessoa de preferência a outra com o temor ou, se preferir assim, com o respeito começa o seu amor. A criança ama porque uma forma exterior ou objeto, uma presença humana, exerce sobre ela o seu império ou o seu encanto — ela consegue distinguir perfeitamente dos outros seres a significação maternal da sua mãe, mesmo que não saiba exprimi-la de forma racional. Antes de a sua inteligência despertar, a criança não ama e o seu mais profundo abandono amoroso não é mais que compreensão íntima. Qualquer um que tenha sabido observar judiciosamente o amor da criança não deixará de confirmar esta proposição com a sua experiência. Mas qualquer amor, e não somente o da criança, cresce ou desaparece conforme a inteligência que possui do seu objeto (é assim que, talvez de modo desajeitado, mas significativo, se ouve freqüentemente referir os amantes). Basta que surja um mal-entendido para que o amor perca mais ou menos da sua força; aliás, emprega-se precisamente a palavra “mal-entendido” para significar um desacordo, designando-se assim um amor perturbado. Com o engano acerca de um ser humano o amor perde-se irresistivelmente e sem apelo: o mal-entendido é então absoluto e a afeição extingue-se.

Ao amor é indispensável um objeto, algo “em frente” e possui esta propriedade em comum com o entendimento que constitui, precisamente, a única e autêntica atividade espiritual do ser religioso. O entendimento

não pode, de fato deixar de aplicar o seu pensamento a um objeto, permanecendo mergulhado nas suas considerações e no seu fervor. Não há pensamentos livres sem objetos, fundamentados na razão, pensamentos esses que aliás considera como “elucubrações filosóficas” e que como tais condena.

Mas se o entendimento precisa de um objeto, a sua eficácia cessa imediatamente logo que sugou a sua substância ao ponto de já não achar nesta matéria para a sua atividade, acabando com ele. Com o fim da sua atividade desaparece o seu interesse pelo assunto, porque esta deverá continuar a ser um mistério, se quiser que ele seja abandonado com amor e lhe consagre todas as suas forças. Também aqui sucede o mesmo que com o amor — o casamento somente continua assegurando um amor durável caso os esposos apareçam um ao outro, dia a dia, sob um aspecto novo e apenas se cada um reconhecer no outro uma fonte inesgotável de vida nova, um mistério qualquer de coisa insondável, de inapreensível. Desde o momento em que já não encontram nada de novo um no outro, então o amor dissolve-se irresistivelmente na indiferença e no aborrecimento. Da mesma forma, o entendimento só existe enquanto continuar ativo e logo que já não possa seguir exercendo as suas forças na compreensão de um mistério, visto a obscuridade ter desaparecido, abandona então o objeto tornado inteligível e sem sabor. Quem quiser ser amado por ele deve evitar, à boa maneira da mulher sábia, ofertar-lhe de uma só vez todos os seus atrativos. Ser diferente a cada dia e o amor durará séculos! Falando propriamente, é o mistério que faz de uma questão do entendimento um assunto do coração — o homem inteiro, através do seu entendimento, é o seu assunto, é isto que faz deste último um assunto do coração.

Portanto, se a arte criou o ideal e deu aos homens um objeto com que o espírito trava um longo combate e, através desse combate, valoriza a pura atividade do entendimento, ela é também a criadora da religião pelo que, num sistema filosófico como é o de Hegel, não poderia ocupar um lugar depois da religião. Não somente os poetas Hesíodo e Homero “deram aos gregos os seus deuses”, mas houve ainda outros que fundaram religiões como artistas, mesmo que repugne dar-lhes esse título por considerá-lo, talvez, demasiado insignificante. A arte é o começo, o Alfa da religião, e também o seu fim, o Omega. Ela é mesmo a sua companheira. Sem a arte e o artista, criador do ideal, a religião não poderia nascer; ela passa através da arte devido a esta retomar incessantemente a sua obra e é também através da arte que ela se conserva, pelo fato desta a renovar constantemente. Quando a arte se manifesta em toda a sua energia cria uma religião, atendo-se ao seu princípio — mas já a filosofia nunca é criadora de religiões porque nunca produz formas visíveis que possam servir de objetos para o entendimento; na generalidade, ela não produz nenhuma religião, e as suas idéias, a que não corresponde nenhuma imagem, não se deixam venerar e adorar num culto religioso. Contrariamente a isto, a arte deixa-se arrastar permanentemente pela sua inclinação de produzir à luz do dia, e na mais abundante profusão, enquanto forma ideal, o que de mais puro e melhor existe no espírito, ou antes, produz mesmo o próprio espírito; ela tende a arrancá-lo da obscuridade em que este se acha envolvido durante todo o tempo em que dormita no coração do sujeito criador e, dando-lhe configuração faz dele um objeto. Frente a esse objeto, a esse Deus, encontra-se o homem e, mesmo o artista cai de joelhos perante a criação do seu espírito. E desde agora, devido à freqüência ao seu objeto e ao combate por si travado, a religião segue um caminho oposto ao

da arte. Esse objeto que o artista, concentrando toda a força e riqueza da sua interioridade para o fazer aceder ao esplendor de uma figura em harmonia com a necessidade e o desejo mais autênticos de cada um, esse objeto, a religião tenta remetê-lo de novo à interioridade a que ele pertence, tenta torná-lo novamente subjetivo. Ela esforça-se por reconciliar o ideal, ou Deus, com o homem, o sujeito, despojando-o da sua dura objetividade. Deus deveria fazer-se interior (não sou eu, mas Cristo que vive em mim); a divisão tende a suprimir-se, a desmanchar-se e o homem separado do seu ideal esforça-se, por seu lado, por alcançá-lo (por alcançar Deus e a sua graça, para finalmente o identificar com o seu próprio eu) e também Deus, ainda separado do homem, procura ganhá-los para o reino dos céus: um e outro procuram-se e completam-se sem se tornarem um — aliás, se o fizessem, a própria religião desapareceria pois subsiste somente devido a esta sua separação. Também a esperança do crente é ver um dia Deus “frente a frente”.

A arte é também a companheira da religião pelo fato da interioridade humana, enriquecida pelo combate com o seu objeto, desembocar repentinamente, pela mediação de um gênio, numa nova criação que embeleza e transfigura o objeto anterior, remodelando a sua forma. Uma vida humana raramente decorre sem passar por uma transfiguração semelhante, e isto é preciso agradecê-lo à arte. Finalmente, a arte está também no *términus* da religião. Com o espírito sereno, ela reafirma a sua pretensão sobre as suas criações e, proclamando-as suas, retira-lhes a sua objetividade, libertando-as do além sob cujo poder tinham caído durante o período religioso.

É evidente que não se contenta com embelezá-las, ela as destrói. Ao reivindicar a sua criatura, a religião,

a arte aparece no seu declínio; ao representar, num tom jocoso, como uma alegre comédia, toda a gravidade da antiga crença por esta ter perdido a seriedade do conteúdo que agora deverá restituir ao jovial poeta, a arte reencontra a si mesma e descobre em si uma nova força criadora. Porque — e não a censuramos pela sua crueldade — quanto mais cruelmente destruidora for na comédia, mais inexoravelmente restaurará aquilo que tem intenção de destruir. Ela cria um novo ideal, um novo objeto e uma nova religião. A arte não pode evitar refazer uma nova religião; as pinturas de Rafael transfiguraram Cristo de tal modo que se tornou o fundamento de uma nova religião, a religião do Cristo da Bíblia “purificado de todos os dogmas humanos”. E assim, o entendimento recomeça a sua infatigável atividade reflexiva, perscrutando o seu novo objeto durante todo o tempo que, através de uma inteligência cada vez mais profunda, dele tenha uma consciência íntima — é com o amor mais total que mergulha no objeto, atento às suas revelações e inspirações. Mas esse entendimento religioso ama tão ardentemente, como odeia aqueles que não ardem no mesmo amor: o ódio religioso é inseparável do amor religioso. Quem não tem o mesmo objeto de crença é um herege e aquele que admite a heresia não está verdadeiramente na plenitude da piedade. Ninguém negaria que Felipe II da Espanha foi um espírito infinitamente mais religioso que José II da Áustria, que Hengstenberg o era autenticamente, mas Hegel não. Na medida em que, na nossa época, o ódio perdeu algo da sua força, também o amor a Deus enfraqueceu, cedendo o passo a um amor humano baseado na moralidade e não na piedade. É que este, demonstra mais solicitude pelo bem da humanidade que por Deus. O tolerante Frederico o Grande, não pode verdadeiramente passar por um modelo de religiosidade, mas sim, perfeitamente, por um elevado modelo de humanidade.

Quem serve Deus, deve fazê-lo completamente. Aliás, é uma exigência contraditória pedir ao cristão que não levante obstáculos à existência judaica — mesmo o cristão mais cheio de mansuetude nada pode contra isso se não quiser ser indiferente à sua religião; agir de outra maneira seria da sua parte um relapso. Se refletir como um homem de entendimento sofre as conseqüências da sua religião, ele deverá excluir os judeus do direito cristão ou, o que é o mesmo, do direito dos cristãos e isto, sobretudo, relativamente ao Estado. Porque a religião é, para todos aqueles que não a seguem com tibi-eza, um estado de divisão.

É esta, portanto, a posição da arte face à religião. Aquela cria o ideal e acha-se no princípio, a outra encontra no ideal um mistério e torna-se em cada homem religiosidade, tanto mais profunda quanto mais firmemente ele se ligar ao seu objeto e dele dependa. Mas logo que o mistério se esclarece, logo que a objetividade e a estranheza são quebradas e, dessa maneira, é destruída a essência de uma determinada religião, a comédia deve realizar o seu dever e libertar o homem, através da prestação da prova evidente do esvaziamento, ou melhor, do despojamento do seu objeto, da sua antiga crença que o encadeava àquilo que agora está devastado. Em conformidade com essa essência, a comédia apodera-se em todos os domínios daquilo que há de mais sagrado e aproveita-se, por exemplo, do sacrosanto casamento, pois o casamento que ela leva à cena já não é santo, tornou-se uma forma vazia a que não se deve continuar amarrado mais tempo. Mas a própria comédia precede a religião, tal como a arte o faz no seu conjunto: ela limita-se a esvaziar o lugar para receber o novo cuja arte tem intenção de dar forma.

Se a arte constitui o objeto e se a religião vive somente pelo encadeamento a esse objeto, a filosofia se

distingue muito nitidamente tanto de uma como de outra. Esta última não se opõe a um objeto à maneira da religião, nem constitui um, à maneira da arte. Respirando liberdade, pelo contrário, ela estende a sua mão destruidora tanto contra a constituição do objeto, como contra a própria objetividade. A razão, espírito da filosofia, ocupa-se somente de si e não se preocupa com nenhum objeto. Para o filósofo, Deus é tão indiferente como uma pedra: ele é o mais decidido dos ateus. Quando se ocupa de Deus não é para o venerar, mas inversamente para o rejeitar — nela só habita a razão que busca a centelha de razão que se ocultou sob essa forma. É que a razão não faz mais do que buscar a si própria, só se preocupa consigo mesma, apenas a si ama ou, falando mais propriamente, não ama, pois apenas consigo se relaciona e não com qualquer objeto. Eis a razão porque Neander dirigiu com acertado instinto o seu “pereat” ao Deus dos filósofos.

Acontece que não nos propusemos a falar aqui de filosofia. Ela situa-se para além do nosso tema.

Indicado para publicação em 18 de março de 2002